

Comércio de gado na crise do escravismo no distrito da Lage: o caso do Tenente Coronel Geraldo Pinto de Rezende

João Carlos Resende

Graduando em Bacharelado e Licenciatura em História pela UFSJ

Seção temática: História Econômica e Demografia Histórica

Resumo

Este artigo pretende analisar o caso de um negócio de gado feito no ano de 1869 por um jovem fazendeiro que buscava uma estratégia de produção e manutenção de riqueza em um distrito ainda escravista dentro da comarca do Rio das Mortes voltado para a economia de abastecimento interno do Brasil imperial. Buscamos compreender quais foram os fatores que influenciaram o resultado final de sua empreitada após uma análise de suas ações e da sociedade em que estava inserido.

Palavras-chave: Riqueza, comércio interno, elite, crise do escravismo.

Introdução

O presente artigo pretende fazer uma análise acerca do comércio de gado feito pelo Tenente Coronel Geraldo Pinto de Rezende na época de crise da escravidão afim de que se possa entender se este fora tido como uma estratégia para a manutenção e ampliação de sua fortuna no momento em que o sistema escravista em que o mesmo estava inserido começava a dar sinais de que viria a ruir até que isso acontecesse em 1888.

Estudar um caso como esse, de um senhor que em 1888 possuía 21 escravos, é importante para que se possa compreender um pouco mais sobre o cenário comercial da segunda metade do Oitocentos. A história local, afinal de contas, está inserida dentro de uma história global e cada sujeito, mesmo com suas particularidades e originalidades, está aí inserido. Uma análise microscópica pode ajudar a entender o macro.¹

Este trabalho é parte do início da pesquisa de monografia que visa descortinar este aspecto do mercado interno existente no Brasil imperial. Portanto ainda se trata de um trabalho com poucos resultados, já que este não está finalizado.

Fontes e metodologia

Para que se possa realizar esta pesquisa será utilizada uma documentação em grande parte inédita para a historiografia, usada apenas para fins memorialísticos. Trata-se da contabilidade do Tenente Geraldo, hoje sob posse de sua descendente-herdeira, a senhora Jane Aparecida de Resende Carvalho, a quem agradecemos cordialmente a gentileza por permitir a consulta, digitalização e utilização das informações em pesquisa acadêmica. Trata-se de um rico acervo com pouco mais de 1000 folhas que registram os negócios de nosso personagem entre os anos de 1869 e 1907, quando o mesmo veio a falecer.

Aparentemente tratava-se de dois diários onde o fazendeiro anotava suas despesas e receitas que vão desde a compra de instrumentos para uso doméstico tais quais agulhas de costura e calçados até negócios de grande investimento de sua propriedade, como a compra de escravos. Outros gastos, como o pagamento de dias de serviço também estão registrados. Alguns bilhetes e cartas constituem o acervo. A maioria se refere a transações econômicas, como a compra e venda de queijos. Em menor número há aqueles que tratam das relações familiares, como o aviso de horário do batizado de um afilhado. Também estão registradas algumas informações da família do Tenente Geraldo como a data de nascimento, casamento e falecimento de alguns familiares. Curiosas também são algumas informações valiosas para o funcionamento de uma fazenda abastecedora, como a duração da gestação de alguns animais ou o tempo de plantio e colheita de cereais e outros.

¹ Cf. REVEL, Jacques (org.). *“Jogos de escalas”*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

A documentação se encontra razoavelmente bem conservada, com exceção de algumas poucas folhas, já bem deterioradas pela ação impiedosa do tempo, mas nada que possa comprometer a investigação histórica.

Para a realização da pesquisa nomearemos o conjunto de fontes de Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende. Como ainda não foi possível determinar com precisão quais documentos faziam parte de cada diário ou do conjunto de cartas achamos por bem nomear cada peça como se fizesse parte de um único acervo para a melhor compreensão do conjunto. A nomeação é a mesma atribuída pela câmera fotográfica. Resolvemos utilizar este critério pois as fotos foram tiradas aleatoriamente já que as fontes não estavam em ordem cronológica no momento de sua digitalização. Talvez seja impossível algum dia conseguir organizá-las cronologicamente já que algumas não fazem referência a qualquer data.

Além da contabilidade deste senhor de escravos serão utilizados os inventários *post mortem* e testamentos do fazendeiro estudado e de seus pais, hoje sob a guarda do escritório do Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural em São João Del Rei/MG. Os inventários do século XIX são ricas fontes de informações. Eles podem ajudar a complementar as informações financeiras acerca do estudado. Ainda estão ali presentes alguns dados referentes aos laços familiares. Os testamentos também podem ser úteis na compreensão destas relações e da constituição do patrimônio do personagem.

Outras fontes que auxiliarão o desenvolvimento desta pesquisa serão os relatos memorialísticos de José Augusto de Rezende, Antônio de Lara Resende, José Maria da Conceição Chaves e do viajante José Raimundo da Cunha Matos. As suas obras possuem pistas preciosas sobre o passado do Distrito da Lage já que foram testemunhas oculares daquela sociedade.

O trabalho junto a estas fontes consistiu na sua leitura e coleta de dados sobre o referido distrito e sobre os animais comercializados pelo personagem estudado que estão sendo juntadas em um banco de dados. Gradativamente toda a sua contabilidade tem sido transcrita.

Breve panorama sobre a historiografia acerca do mercado interno mineiro e do comércio de gado

Desde a segunda metade do século passado a historiografia tem revisto muitos aspectos sobre a capitania/província de Minas Gerais. Novas abordagens sobre temas como escravidão e riqueza nesta região na Colônia e no Império tem surgido buscando fazer uma complementação sobre os estudos clássicos como o de Caio Prado Júnior² e Celso Furtado,³ este influenciado pelo primeiro. Parecia consensual a ideia dos ciclos econômicos⁴. Dentro desta lógica o *boom* do ouro teria alavancado a economia da região das Minas até que a produção aurífera fosse se exaurindo no final no século

² PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

³ FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1971.

⁴ cf. SIMONSEN, Roberto Cochrane. *História Econômica do Brasil: 1500/1820*. 8 ed. São Paulo: Nacional, 1978.

XVIII. A Inconfidência Mineira já teria sido uma reação a estagnação econômica ocasionada pela queda na mineração. A teoria dos ciclos econômicos afirmava que após o ouro a economia brasileira passou a girar em torno do café produzido em larga escala nas *plantations* de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Os novos trabalhos surgidos após estas abordagens clássicas estudaram fontes até então pouco ou quase nada exploradas, como as listas nominativas, os testamentos e os inventários *post mortem*. Diversos nomes, como Alcir Lenharo,⁵ Angelo Carrara,⁶ Roberto Martins⁷ e Robert Slenes⁸ fazendo uso de fontes como estas foram percebendo que Minas Gerais não viveu uma decadência econômica como se cria até então. Várias eram as propriedades mineiras com significativo número de escravos e era intenso o movimento de animais pelos caminhos que por aqui passavam. Mostrava-se interessante o alto número de fazendas com escravaria de pequeno e médio porte em uma região que não havia *plantations*.

Observando o crescimento da população cativa de Minas no século XIX Roberto Martins afirmou que a região concentrava uma grande população cativa pois eram importados para se ocuparem de atividades voltadas a agricultura e a pecuária, entre outras. Portanto este fenômeno não era resultante da economia mineradora do século XVIII. A mineração, aliás, já não era muito significativa no Oitocentos não podendo, assim, ser o setor da economia que seguraria em Minas a mão-de-obra escrava. Roberto Martins ainda afirmou que a província era uma das que mais importava escravos no auge do tráfico e que seu trabalho não estava voltado para a agro-exportação e sim para a sustentação do mercado.⁹ A economia mineira oitocentista seria autossuficiente, produzindo para o autoconsumo e o abastecimento interno da província, e não era constituída por *plantations*. A cafeicultura, segundo o mesmo autor, também não desempenhou papel fundamental na economia mineira, afirmando inclusive que esta só veio se desenvolver no sul de Minas no advento da República.

Robert Slenes questionou como uma economia pouco dinâmica em relação ao mercado externo poderia ser capaz de sustentar um grande número de cativos, afinal era preciso gerar riqueza para que escravos oriundos da África pudessem ser comprados.¹⁰ Embora Slenes concordasse que havia em Minas um grande contingente escravo ele entendia não ser possível esta economia não ser dependente da exportação. Esta, segundo ele, seria o que dinamizaria a produção de abastecimento, ou seja, seus reflexos atingia vilas e fazendas. A ideia de uma economia mineira independente não se sustentava, para ele. Este debate foi importante pois estimulou muitos historiadores a estudarem mais profundamente a economia mineira.

⁵ LENHARO, Alcir. *Tropas da moderação - O abastecimento da Corte na formação política do Brasil - 1808/1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.

⁶ CARRARA, Angelo Alves. *Minas e Currais: Produção Rural e Mercado Interno de Minas Gerais - 1674 - 1807*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2007

⁷ MARTINS, Roberto B. *A Economia Escravista de Minas Gerais no Século XIX*. CEDEPLAR, Belo Horizonte: 1982. (mimeo.)

⁸ SLENES, Robert W. *Os múltiplos de porcos e diamantes: A economia escravista de Minas Gerais no Século XIX*. Cadernos IFCH - UNICAMP, Campinas, n. 17, 1985.

⁹ MARTINS, Roberto B. *Op. Cit.* 1982.

¹⁰ SLENES, Robert W. *Os múltiplos de porcos e diamantes: A economia escravista de Minas Gerais no Século XIX*. IN: Estudos Econômicos. São Paulo, v. 18, Nº3, IEP/USP, 1988. p. 449-495.

Parte da riqueza produzida em Minas Gerais ficara concentrada nesta região, o que tornava clara a existência de um forte e significativo mercado interno, como pode ser observado no debate entre Martins e Slenes. Não era apenas a mineração que alavancara a economia desta parte do Brasil, mas também o abastecimento de suas vilas e até mesmo da Corte, quando esta veio a se transferir para o Rio de Janeiro no ano de 1808. Para a capital, aliás, era frequente o comércio de queijo, toucinho, gados e porcos. A fazenda era extremamente importante nesta dinâmica econômica. O ideal seria fazer com que ela pudesse

"açambarcar todas as atividades econômicas que sua riqueza permitisse, evitando desse modo, a recorrência ao mercado para o abastecimento de determinados serviços".¹¹

Este intenso mercado interno se entrelaçava e se desenvolvia com vigor dentro da Comarca do Rio das Mortes, tida como o Sul de Minas, de modo que há hoje uma significativa produção sobre o mesmo, entre os quais se pode citar Alcir Lenharo,¹² Afonso Alencastro Graça Filho,¹³ Maria Lúcia R. C. Teixeira,¹⁴ Marcos Ferreira de Andrade¹⁵ e Isaac Cassemiro Ribeiro.¹⁶ Estes estudos puderam comprovar esta vocação da referida região para o abastecimento interno. A proximidade geográfica com o Rio de Janeiro sem dúvida contribuiu para as exportações que visavam o seu abastecimento, sobretudo com a chegada da Família Real em 1808, como demonstra Alcir Lenharo.¹⁷ As tropas desciam carregadas de mantimentos tais quais milho e arroz e subiam de volta para Minas trazendo produtos importados, manufaturados e escravos. Alguns destes tropeiros eram fazendeiros e com o passar dos anos foram acumulando uma considerável riqueza com este mercado intenso. Afonso Alencastro, por exemplo, estudando São João Del Rei observou que havia um alto número de escravos ali mesmo com a decadência da produção aurífera.

Um dos ramos deste dinâmico mercado interno existente foi o comércio de gado. Embora o tema seja ainda pouco abordado pela historiografia os estudos existentes dão a conhecer a sua dimensão e complexidade. Maria Thereza Petrone ao estudar o caso de Antônio da Silva Prado, o Barão de Iguape, na província paulista chega a afirmar que o mesmo era um "empresário".¹⁸ Embora Prado tenha sido também arrecadador de impostos em Sorocaba grande foi o comércio de animais que praticou; primeiro com gado vacum e posteriormente muar. Para se ter uma ideia da grande movimentação por

¹¹ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Família escrava e riqueza na Comarca do Rio das Mortes: o Distrito da Lage e o Quarteirão do Mosquito*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 25.

¹² LENHARO, Alcir. *Op. Cit.* 1979.

¹³ GRAÇA FILHO, Afonso Alencastro. *A Princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*. São Paulo: Editora Annablume, 2003.

¹⁴ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006.

¹⁵ ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do estado imperial brasileiro: Minas Gerais - Campanha da Princesa (1799-1850)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014

¹⁶ RIBEIRO, Isaac Cassemiro. *Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes: os "Ribeiro da Silva", fronteira, fortuna e fazendas (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX)*. Dissertação de mestrado. São João Del-Rei: UFSJ, 2014.

¹⁷ LENHARO, Alcir. *Op. Cit.* 1979. p. 42-43.

¹⁸ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O Barão de Iguape*. São Paulo: Editora Nacional, 1976. p. 159.

que era responsável entre 1820 e 1821 naquela província foram registradas 7048 reses, das quais Prado era dono de cerca de 4000.¹⁹ O negócio era amplo: haviam encarregados para várias tarefas, como os que negociavam a sua compra nos locais de criação e os que conduziam os animais. A mudança da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808 trouxe ao Brasil a alteração de vários hábitos, entre os quais um maior consumo de carne bovina.²⁰

Carlos Eduardo Suprinyak, ao estudar o movimento de muares entre as regiões centrais e sul do Brasil, constatou bem que no século XVIII "o bom funcionamento da economia mineira (...) dependia de fornecimento constante e regular de tropas de mulas, seu principal meio de transporte de cargas",²¹ afinal estamos falando de uma época distante do advento de caminhões e carretas. Já o século XIX viu a chegada da ferrovia ao Brasil, o que foi cerceando o comércio destes animais que ficaram responsáveis por viagens de menor distância já que as maiores passaram a ser feitas pela máquina.²²

Estudando Gervásio Pereira Alvim, membro da elite do Distrito da Lage na primeira metade do Oitocentos, Paula Chaves Teixeira Pinto notou que o comércio de gado era um dos muitos negócios que o fazendeiro mantinha, assim como a comercialização de gêneros alimentícios e a aquisição de terras. Chegou até mesmo a se arriscar na produção de café. Também negociou bovinos com São João Del Rei, em âmbito regional, e com o Rio de Janeiro, em âmbito interprovincial, assim como já havia feito seu avô homônimo. A historiadora afirma que era um dos ramos pelos quais o mesmo assegurava sua sobrevivência devido a sua rentabilidade.²³

O Distrito da Lage oitocentista

O Arraial da Lage foi fundado ainda no século XVIII. Poucas são as obras sobre o lugar, sendo uma das principais a de Maria Lúcia R. C. Teixeira que estudou a primeira metade do XIX. Logo na apresentação deste trabalho Douglas Libby afirma:

"(...) o distrito, hoje composto pelos municípios de Coronel Xavier Chaves e Resende Costa, foi ocupado ainda na primeira metade do Setecentos, em função da expansão de uma agropecuária fortemente voltada para o mercado interno. Tratava-se de uma região essencialmente rural, na qual a riqueza - em especial a preciosa mão de obra escrava - concentrava-se nas fazendas, enquanto o arraial, com sua capela, tendia a servir de abrigo para os menos favorecidos."²⁴

¹⁹ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 157.

²⁰ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 88.

²¹ SUPRINYAK, Carlos Eduardo. *Tropas em marcha. O mercado de animais de carga no centro-sul do Brasil imperial.* São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008. p. 31.

²² SUPRINYAK, Carlos Eduardo. *Op. Cit.* 2008. p. 36-37.

²³ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *De Minas para a Corte. Da Corte para Minas: Movimentações familiares e trocas mercantis (c. 1790 - c. 1880).* Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF, 2014. p. 273-280.

²⁴ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 15.

A capela do Arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage foi construída a partir da provisão concedida em 12 de setembro de 1749 pelo então bispo de Mariana, Dom Manuel da Cruz.²⁵ Maria Lúcia identificou uma carta de sesmaria do ano 1748 como a primeira encontrada para a região do distrito.²⁶ Antônio de Lara Resende, nos relatos de sua infância no arraial narra:

"Não sendo a Lage zona de minério, e sendo o primitivo arraial apenas um ponto de pousos, os grandes proprietários de terras é que foram, desde o início, impondo aos da rua a sua hegemonia. Eles é que possuíam fontes de riqueza, prevalecendo a criação de gado e a agricultura, enquanto na sede era a pobreza, os botecos e vendas para atender aos que lá transitavam. As atividades se exauriam num pequeno comércio."²⁷

Como se pode notar no relato acima havia uma forte elite rural no lugar, capaz de se impor frente aos demais. Um dos membros desta elite seria nosso personagem, o Tenente Coronel Geraldo Pinto de Rezende, sobre o qual trataremos mais a frente. O relato de Mestre Lara Resende ainda permite concluir que o distrito possuía uma íntima vocação agrária e que a riqueza estava na zona rural como bem trabalhou Maria Lúcia em sua dissertação de mestrado. Ela traz um dado interessante em sua obra que confirma esta afirmação. Analisando os inventários do lugar entre 1790 e 1850 não encontrou nenhum inventário que fosse pertencente a algum morador do meio urbano.²⁸ Aqueles que aí moravam eram os que aproveitavam "as migalhas da sociedade escravista". Na sede do distrito viviam muitas fiadeiras e lavradores.²⁹ Por ora voltemos a formação do Distrito com sua vocação agrária. Sabe-se que por suas terras passavam duas importantes estradas. Antônio de Lara Resende diz:

"a crer no que se ouve, o Arraial da Laje teve origem nos ranchos de tropas ali construídos na segunda metade do Século dezoito (sic), e cruzados por duas estradas, indo uma do Norte ao Sul da Província, outra de Leste para Oeste, ou seja, da Corte para Goiás."³⁰

Outro memorialista que escreveu sobre as origens do lugar foi José Maria da Conceição Chaves. Sobre a estrada que ia de Goiás ao Rio de Janeiro narra:

"às margens desta, existiam como especulação de negócios algumas tabernas e estalagens em que se abasteciam e se abrigavam os que de passagem faziam do Arraial um pouso certo e conhecido no roteiro das longas caminhadas que davam em busca dos mercados de seus intercâmbios. Esse trânsito intensificado gerou o comércio que muitos supõem ser o embrião da

²⁵ CHAVES, José Maria da Conceição. *Memórias do antigo Arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage, atual cidade de Resende Costa: desde os proêmios de sua existência até os dias presentes*. Resende Costa: AMIRCO, 2014. p. 33.

²⁶ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 50.

²⁷ RESENDE, Antônio de Lara. *Memórias - Do Belo Vale ao Caraça*. Sem local: Edição do autor, 1970. p. 114.

²⁸ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006.

²⁹ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 45.

³⁰ RESENDE, Antônio de Lara. *Op. Cit.* 1970. p. 99.

localidade, enquanto que outros conjecturam ser a salubridade de seu clima e a sublimidade de seu panorama."³¹

Ao que parece estas estradas passavam pelo local por causa das fazendas aí existentes, decorrentes do processo de povoação dito por Maria Lúcia R. C. Teixeira. A historiadora afirma que os primeiros ocupantes do lugar não eram pessoas pobres, mas "fazendeiros bem situados e relacionados eram os proprietários das terras e fazendas".³² Diz ainda que "as fazendas foram as únicas responsáveis pelas suas primeiras paisagens". Constata também que a ocupação deste território se deveu a proximidade de São João Del Rei, local de forte mineração e que era um entreposto comercial na região. O distrito fornecia víveres e animais a este mercado.³³

Analisando os inventários dos fazendeiros mais abastados do distrito Maria Lúcia R. C. Teixeira observa que estes tinham o hábito em comum de possuir suas casas e benfeitorias na fazenda e ainda uma casa no arraial.³⁴ Isso pois a sede além de comportar esse mercado teria sido um lugar de culto religioso para estes fazendeiros..³⁵ "O arraial e as fazendas se completam". A historiadora diz que estas casas que os fazendeiros tinham no arraial eram modestas, de baixo valor e poucos objetos, servindo para uso esporádico.³⁶

Há menções sobre um perfil "desordeiro" dos primeiros habitantes do arraial da Lage; seriam pessoas de "maus costumes". José Augusto de Rezende chega a dizer que este comportamento afastava os fazendeiros daí.³⁷ Maria Lúcia R. C. Teixeira explica que era a falta de possibilidades de ocupação que levavam estas pessoas a buscar formas de sobrevivência não bem vistas por estes fazendeiros que se achavam superiores. Aliás, eles se viam como a única camada social ordeira.³⁸

Mas o arraial parece mesmo ter surgido em um lugar estratégico para o comércio local e em decorrência dele, impulsionado pela grande quantidade de fazendas produtoras na dinâmica economia mineira, como já demonstrado acima, e pelo grande movimento que o entroncamento destas estradas proporcionava. Um exemplo mostra bem este movimento.

Em sua ida do Rio a Goiás onde tomaria posse como governador de armas em 1823, Cunha Matos fez registros de vários aspectos encontrados ao longo de sua jornada. Passando pelo distrito da Lage o militar fez menção, por exemplo, "há um extenso rancho fechado" na Fazenda dos Campos Gerais³⁹. Nesse mesmo dia, antes de pernoitar na Fazenda do Capitão Joaquim Pinto, ainda no Distrito da Lage, Cunha Matos diz não ter visto passar tropas, mas encontrou "dous (sic) carros com famílias"

³¹ CHAVES, José Maria da Conceição. *Op. Cit.* 2014. p. 35.

³² TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 50.

³³ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 40-41.

³⁴ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 45.

³⁵ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014 p. 236-237..

³⁶ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 45.

³⁷ REZENDE, José Augusto de. *Livro de Pálidas reminiscências da antiga Lage - hoje - Villa de Rezende Costa*. Resende Costa: AMIRCO, 2010. p. 15.

³⁸ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 48.

³⁹ MATOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerais e Goiás*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2004. p.35.

além de "uma grande boiada, e um rebanho de carneiros e cabras, e uma vara de porcos, que seguem para o Rio de Janeiro"⁴⁰.

O movimento ocasionado por estas estradas no distrito não passou despercebido por Maria Lúcia R. C. Teixeira. Vários exemplos de "ranchos de passageiros" são descritos em seu estudo.⁴¹

O distrito conseguiu acumular grande riqueza com este mercado como bem o demonstra os trabalhos de Maria Lúcia R. C. Teixeira,⁴² Paula Chaves Teixeira Pinto⁴³ e Maristela Peluzzi.⁴⁴ A primeira demonstra um quadro interessante. A historiadora pode constatar que este distrito possuía um elevado número de escravos, maior que a população livre local. Em 1835, por exemplo, a população da cidade de São João Del Rei, um entreposto comercial, era constituída por 74,17% de livres e 25,83% de cativos ao passo que no Distrito da Lage 58,41% do total de sua população era formada por escravos e 41,59% de livres.⁴⁵

Paula Chaves Teixeira Pinto afirma que entre os anos de 1850 e 1870, período em que nosso personagem começa seus negócios, o quadro no distrito da Lage não era diferente daquele existente no início do Oitocentos. A riqueza ainda estava nas mãos dos fazendeiros e a sede do arraial ainda era habitada pelos pobres.⁴⁶ Analisando a riqueza existente no distrito neste período Paula Chaves Teixeira Pinto catalogou 23 inventários *post mortem*. Deste 21 pertenciam a donos de terras. Isso mostra que esta ainda era uma região de fazendas.⁴⁷ Entretanto a historiadora constatou que na década de 1870 o número de cativos já não era mais superior ao de livres no distrito, embora fosse alta a concentração de escravos. Os "contornos sociais, políticos e econômicos" do distrito não estavam alterados.⁴⁸ É importante lembrar que em 1850 houve a proibição do tráfico atlântico, o que provocou mudanças nas formas de produção. Já a década de 70 do Oitocentos viu entrar em pauta a discussão da lei do ventre livre e uma expansão do capitalismo, que trouxe a tona novas "relações sociais de trabalho".⁴⁹ Ainda sobre os inventários encontrados pela autora é importante notar que em todos haviam escravos inventariados, o que demonstra o apego ao escravismo.⁵⁰

Todos estes dados confirmam que o Distrito da Lage estava intimamente inserido nesta lógica do mercado interno. Esta vocação parece ter sido gestada como uma opção a falta de minas que haviam em lugares próximos, como São João Del Rei, São José Del Rei, Prados e Lagoa Dourada, e posteriormente, quando estas minas se

⁴⁰ MATOS, Raimundo José da Cunha. *Op. Cit.* 2004. p. 37.

⁴¹ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 46 - 47.

⁴² TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006.

⁴³ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014; TEIXEIRA, Paula Chaves. *Negócios entre Mineiros e Cariocas: famílias, estratégias e redes mercantis no caso Gervásio Pereira de Alvim (1850-1880)*. Rio de Janeiro: UFF, 2009. (Dissertação de Mestrado).

⁴⁴ PELUZZI, Maristela de Oliveira. *Os Grandes Proprietários Escravistas do Distrito da Lage (1830-1850)*. São João Del Rei: UFSJ, 2003. (Monografia de pós-graduação *Latu Sensu*).

⁴⁵ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 38.

⁴⁶ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014. p. 226.

⁴⁷ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014. p. 232.

⁴⁸ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014. p. 228.

⁴⁹ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014. p. 230-231.

⁵⁰ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014. p. 235.

exauriram, esta vocação já era tão madura ao ponto de manter uma significável riqueza no lugar, como comprova, por exemplo, o alto índice demográfico de cativos. Estudar o distrito se mostra importante, portanto, para que se possa entender quais foram as estratégias e os mecanismos adotados pelos possuidores da riqueza local para mantê-la e reproduzi-la.⁵¹ Afinal, esta foi uma região com "médios, grandes e muito grandes possuidores de terras e escravos".⁵²

Alguns dados sobre Geraldo Pinto de Rezende

Nascido por volta de 1837 Geraldo Pinto de Rezende é filho de Felisberto Pinto de Almeida⁵³ e Maria Libânia de Rezende. Consta que seu pai fundou a Fazenda Catimbau onde, pelo menos durante o período a ser estudado, de 1869 a 1907, nosso personagem viveu e geriu seus negócios. O Tenente Geraldo tinha como avós paternos o Sargento-mor Joaquim Pinto de Góis e Lara e Anna de Almeida e Silva. Segundo o inventário de seu avô⁵⁴ a propriedade do mesmo teria sido a próspera Fazenda Ribeirão de Santo Antônio, onde teria pernoitado Cunha Matos durante sua viagem do Rio a Goiás em 1823 como já mencionado anteriormente.⁵⁵ Maria Lúcia afirma que os inventários deste casal "representam o maior patrimônio encontrado no distrito para a década de 1830" e seriam parte de um pequeno grupo do distrito que detinha boa parte da riqueza local.⁵⁶

Geraldo fora o quarto de sete irmãos. Seu pai falecera em 20 de abril de 1842 deixando seu filho órfão aos cinco anos de idade. O inventário de Joaquim foi aberto em 27 de janeiro de 1843 em sua fazenda tendo como inventariante sua viúva, Maria Libânia. Na folha 69 desse documento, no auto de contas no ano de 1851, diz-se que o órfão Geraldo contava treze anos, sabia ler e escrever e vivia junto de sua mãe. Em 1854 um novo auto de contas presente no mesmo documento, presente a folha 78, diz que nosso personagem possuía 15 anos e vivia junto de sua mãe, que "dele tratava com todo zelo e amor".⁵⁷ Segundo o mesmo documento seu tutor foi seu irmão primogênito Joaquim Pinto de Almeida, onze anos mais velho. O referido documento revela o fato de "terem se ligado em matrimônio seus tutelados com pessoas suas iguais tanto em qualidades como em fortuna".⁵⁸ A 13 de fevereiro de 1855, estando Geraldo com 18 anos aproximadamente, contraiu núpcias com Francisca de Paula Monteiro de Rezende, "com a respectiva Provisão do Senhor Vigário Geral do Bispado e sendo dispensados do

⁵¹ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 40.

⁵² TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 90.

⁵³ Alguns inventários trazem o nome Felisberto Pinto de Almeida, ao passo que algumas fontes memorialísticas fazem menção a Felisberto Pinto de Goes e Lara.

⁵⁴ Inventário de Joaquim Pinto de Góis e Lara, 1835, cx. 596.

⁵⁵ Além de sua patente e de possuir considerável riqueza este pernoite de Cunha Matos na casa de Joaquim nos parece mais um indicativo de seu grande prestígio social a época, afinal o hóspede estava a caminho de Goiás para assumir o cargo de governador, como já dito anteriormente

⁵⁶ TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Op. Cit.* 2006. p. 89 - 90.

⁵⁷ Inventário de Felisberto Pinto de Almeida, 1843, cx. 394, fls. 78.

⁵⁸ Inventário de Felisberto Pinto de Almeida, 1843, cx. 394, fls. 85.

impedimento de consanguinidade de 3º grau".⁵⁹ Quem lhes conferiu a benção matrimonial foi o Vigário Joaquim Carlos, primeiro pároco do Distrito da Lage. Estas informações parecem deixar claro que este casamento foi também visto como uma estratégia pois, como se sabe, "os recorrentes casamentos entre membros de uma mesma parentela podem significar, sem dúvida, uma tentativa de manutenção da fortuna dentro do círculo familiar".⁶⁰ Deste casamento ao menos 11 filhos atingiram a idade adulta, pelo que se sabe.

O título de Tenente Coronel não deixa dúvidas: Geraldo era oficial da Guarda Nacional, o que revela sua posição de alto prestígio na sociedade do Distrito da Lage na segunda metade do Século XIX. Não é nossa intenção nesse momento da pesquisa estudar minuciosamente sua atuação nesta força militar, mas Flávio Henrique Dias Saldanha, em sua pesquisa sobre a Guarda Nacional em Minas Gerais entre 1931 e 1850 nos traz um dado relevante. Ele afirma:

"as autoridades imperiais esperavam ver os postos de comando da corporação 'preenchidos por pessoa[s] socialmente qualificada[s], em regra detentora[s] de riqueza[s]'. Isto porque o universo social brasileiro dos oitocentos, permeado de alto a baixo pela escravidão, assentava-se no racismo e na disposição natural dos homens de servirem e obedecerem por serem considerados e se considerarem 'menos aptos'".⁶¹

Infelizmente as fontes sobre o personagem estudado até agora encontradas aparentemente não permitem fazer um estudo sobre a sua trajetória política e militar. Seria instigante desvelar suas ações no seio do Coronelismo no qual estava imerso contribuindo assim para a compreensão deste complexo sistema que atravessa toda a República Velha, mais ainda sabendo que este é um tema pouco trabalhado. O fato de Geraldo possuir uma patente de Tenente Coronel da Guarda Nacional não deixa dúvidas de que ele era membro da elite do distrito da Lage na crise do escravismo. Paula Chaves diz que consultando os inventários encontrados entre os anos de 1850 e 1870 ela teve conhecimento de 9 homens com patentes da Guarda Nacional no distrito, o que ele considera um número significável.⁶² Como Geraldo só falecera no primeiro quartel do século XX ele não está contado entre estes oficiais. Ou seja, no período em questão haviam no mínimo 10 oficiais no distrito. Este alto número se justifica por causa da riqueza existente no lugar, como já fora demonstrado neste artigo. Sobre a atuação dos oficiais da corporação a historiadora afirma que no referido período o poder político e controle do mando local dos descendentes dos primeiros ocupantes do distrito se fazia notar, por exemplo, na aquisição de patentes da Guarda Nacional.⁶³ Isto nos dá a entender um pouco das pretensões do Tenente Geraldo.

⁵⁹ Inventário de Felisberto Pinto de Almeida, 1843, cx. 394, fls. 87.

⁶⁰ FARIA, Sheila Siqueira de Castro. In: CASTRO, Hebe Maria Mattos de; SCHNOOR, Eduardo (orgs.). *Resgate: Uma Janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. p. 87.

⁶¹ SALDANHA, Flávio Henrique Dias. *Os oficiais do povo. A Guarda Nacional em Minas Gerais Oitocentista, 1831-1850*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006. p. 79.

⁶² TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014 p. 262.

⁶³ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014 p. 227.

Em seu acervo há uma lista com o nome de 21 escravos dos quais seria ele o senhor.⁶⁴ A datação faz apenas referência ao mês de Abril, sem especificar o ano do registro. Contudo transversalmente há a seguinte anotação: "Robarão (sic) todos pelo João Alfredo a 13 de maio de 1888". A lista contém a idade de cada um, sua nação e ao lado quatro escravos são ditos como mortos, três em anotações feitas a caneta, o que permite supor que se trate de inscrição feita posteriormente, e apenas um é dito como falecido em 1884, numa escrita ainda feita a pena.

Os grandes proprietários do distrito, afirma Paula Chaves, usavam o trabalho escravo e a aquisição de terras para a reprodução de sua riqueza. A abolição do tráfico e posteriormente da escravidão se mostraram obstáculos em seus caminhos.⁶⁵ O Tenente Geraldo era um destes escravistas que precisaram lidar com esta nova realidade. Inserido dentro de um dinâmico mercado interno o comércio de gado poderia ser uma alternativa para a continuação de sua riqueza.

O "negócio do sertão"

Através do acervo do Tenente Geraldo claramente se nota a dinamicidade de seus negócios. Devia ser intenso o movimento na Fazenda do Catimbau. Muito era comercializado por ele: milho, feijão, aguardente... Por ora nos atenhemos ao gado. Como já dito anteriormente este é apenas o início de um trabalho de pesquisa. Sendo assim ainda é cedo para fazer uma minuciosa análise e falar de resultados com grande propriedade, mas podemos nos atrever a analisar um pouco de seus negócios.

Os primeiros registros da contabilidade de Geraldo são do ano de 1869.⁶⁶ E justamente desse ano temos um registro interessante. Geraldo descreve uma operação de compra de gado em Uberaba.⁶⁷ Esta cidade se tornou um entreposto comercial na segunda metade do Oitocentos. Neste período o lugar viveu um crescimento urbano e econômico importante. São João Del Rei, por exemplo, abastecia Uberaba e até regiões mais além como Goiás e Mato Grosso com produtos manufaturados. Uberaba, por sua vez, fornecia gado a Comarca do Rio das Mortes.⁶⁸

Em 1869 Geraldo tinha aproximadamente 32 anos. Devia estar querendo começar um empreendimento econômico que lhe desse bom retorno financeiro. Embora nosso personagem não tenha deixado registrado o motivo pelo qual tenha pretendido tentar ingressar neste negócio Maria Thereza Petrone, embora esteja falando sobre a criação e não sobre o comércio, nos dá uma pista importante: o gado exige pouco cuidado, "a não ser na distribuição regular de sal".⁶⁹ Paula Chaves Teixeira Pinto demonstra que ainda em 1869 Gervásio Pereira Alvim comerciava alguns animais, embora não em grande quantidade, de forma que este negócio ajudava a assegurar sua

⁶⁴ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_0889.

⁶⁵ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014 p. 226.

⁶⁶ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_0811

⁶⁷ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_1045.

⁶⁸ SOUZA, Júlio César de. *Uberaba: relações escravas na cidade primaz.* Rev. Triang.: Ens. Pesq. Ext. Uberaba – MG, v.2. n.2, p. 125-137, jul./ dez. 2009. p. 128 - 129.

⁶⁹ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 38.

sobrevivência.⁷⁰ Geraldo deve ter almejado se tornar um negociante especializado no ramo, é possível pensar. Para isso teria mandado comprar animais em Uberaba. Isso mesmo; Geraldo não foi até lá pessoalmente. Ele tinha uma sociedade com José Libânio, segundo sua documentação.

José Libânio teria sido o responsável por comprar os animais e, muito provavelmente, conduzi-los até o distrito da Lage. Petrone observou que na segunda fase de seu negócio o futuro Barão de Iguape teve um sócio, a quem cabia comprar os animais enquanto o personagem do seu estudo, Antônio da Silva Prado vendia-os em Sorocaba. A autora diz mais: Prado não entendia de gado, na verdade. A ele cabia arranjar compradores, dar o preço e decidir condições de venda. O sócio era quem se encarregava de comprar os animais no sul e organizar sua ida até Sorocaba, onde ocorria importante feira de gado.⁷¹ Calos Eduardo Suprinyak ao estudar o negócio de muares entre o sul e o centro-sul do Brasil no século XIX demonstra que o comércio de animais era mesmo abrangente. Ele afirma que "os condutores podiam ser eles mesmos os proprietários das tropas que conduzem, mas este não é necessariamente o caso".⁷² Não é possível afirmar com precisão o motivo pelo qual Geraldo não fora pessoalmente a Uberaba. Dono de fazenda que era devia ter conhecimento sobre animais, ao contrário de Prado.

Ao que parece a sociedade consistia que José Libânio fosse até Uberaba comprar e conduzir os animais e que o Tenente Geraldo arrumasse o dinheiro para a empreitada. Esta hipótese se torna plausível pelo fato de que no dia 28 de abril de 1870 o fazendeiro pagou a Francisco de Paula Pinto Lara a quantia de 4:000\$000 que ele diz ser referente a crédito para a boiada.⁷³ Mesmo novo e ainda iniciando sua atuação comercial na região não deve ter tido dificuldade para conseguir crédito para o investimento na boiada, já que Francisco era casado com Francisca Cândida de Resende Lara, prima de nosso personagem.⁷⁴ Paula Chaves, por exemplo, demonstra como foi importante a Gervásio Pereira Alvim, nascido em Portugal, ter conseguido um bom casamento no distrito da Lage. Este homem circulou num grupo de homens bem sucedidos, como seu tio. A família desempenhava um papel importante para que o indivíduo conseguisse crédito. A autora demonstra também exemplos de padrinhos escolhidos com boa posição social e econômica, mostrando que isso fortalecia as "solidariedades entre parentes".⁷⁵

No negócio em Uberaba foram compradas 154 vacas a um custo total de 3:632\$000,⁷⁶ o que dá uma média de aproximadamente 23\$000 por cabeça. Vejamos a descrição da compra feita por José Libânio:

⁷⁰ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014 p. 277-279.

⁷¹ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 10-11.

⁷² SUPRINYAK, Carlos Eduardo. *Op. Cit.* 2008. p. 92.

⁷³ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_1045.

⁷⁴ Inventário de Anna de Almeida e Silva, 1830, cx. 313.

⁷⁵ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014. p. 134-157.

⁷⁶ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_1045.

Tabela: animais comprados por José Libânio em Uberaba em 1869⁷⁷

Número de vacas compradas	Preço unitário	Preço total
80	22\$000	1:760\$000
10	23\$000	230\$000
19	22\$000	418\$000
7	20\$000	140\$000
5	22\$000	110\$000
31	30\$000	930\$000
2	22\$000	44\$000

Geraldo registra que abatidas todas as despesas do negócio seu sócio e ele, cada um, tiveram um lucro de 272\$000. Ainda diz que "tirando arrendamento dos campos vim a ter de lucro de todo negócio sujeito a meu trabalho, animais e escravos 90\$000". Finalmente, com uma grafia até mais enfática afirma: "Não convem negocio (sic) do sertão".⁷⁸ Realmente a empreitada não valeu mesmo a pena. Petrone, ao analisar a contabilidade de Antônio da Silva Prado, calcula que o mesmo deve ter tido um lucro de "24,6%, 25,5% e 47,8%" em se tratando de boiadas isoladas. No caso de comércio com o Rio de Janeiro o lucro sobre o valor despendido chegou a ser de 64,2%.⁷⁹ No caso de Geraldo o lucro foi de apenas 4,31%, considerando a sociedade. Mas o que teria ocorrido?

Geraldo afirma ter tido um gasto de 3\$500 sobre cada animal,⁸⁰ o que resulta num gasto de 539\$000. Embora ele não especifique as causas destes gastos eles podem ser oriundos, por exemplo, de passagens por barreiras fiscais, pagamento aos condutores e/ou pagamento de pastagens em estações de invernada, que tinham como funções o descanso, a engorda e até mesmo a regulação do número de animais no mercado. Afinal, em se tratando de uma viagem de mais 400km é razoável crer que esta boiada fizera algumas paradas para descanso dos animais e dos seus condutores. Tanto Petrone quanto Suprinyak fizeram menções a gastos destas naturezas em seus trabalhos.⁸¹ Ao todo foram empregadas nestas 154 reses uma quantia de 4:171\$000. Ou seja, do gasto total 12,92% foi referente a estas despesas não especificadas por Geraldo. Petrone constatou que em 1821 a viagem de uma tropa de bestas de Sorocaba ao Rio de Janeiro consumiu 6,6% do valor despendido na compra, em uma situação de lucro. A condução dos muares neste caso também foi feita por um sócio de Prado.⁸² Embora estejamos analisando um outro período e a viagem de outros animais a porcentagem gasta nesta é realmente alta, no caso do negócio de Geraldo.

⁷⁷ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_1045.

⁷⁸ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_1045.

⁷⁹ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 156.

⁸⁰ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_1045.

⁸¹ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976 e SUPRINYAK, Carlos Eduardo. *Op. Cit.* 2008.

⁸² PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 67.

Voltemos a análise feita por Paula Chaves Teixeira Pinto junto aos inventários encontrados para o distrito da Lage sobre os anos de 1850 e 1870. Uma constatação merece toda a nossa atenção. Ela afirma ter encontrado 2.019 animais no período em questão, em 22 dos 23 documentos pesquisados. Ela afirma que desde aquele que possuía apenas "uma única égua velha" até o que possuía 327 animais diversos todos se dedicavam ao mercado de abastecimento interno. A autora ainda constata que entre os animais inventariados os bovinos eram maioria, com 1.004 animais. Logo após apareciam os equinos com 478 e os muares com 106. Ainda são encontrados 521 suínos, não incluídos na nossa pesquisa.⁸³ Paula Chaves Teixeira Pinto considera que aqueles que possuíam mais de 30 cabeças de gado vacum e mais de 10 cabeças de gado cavalari estavam voltados para o mercado abastecedor, enquanto os demais utilizavam seus animais para a lida diária em suas propriedades. Utilizando este critério foram encontrados 10 criadores de gado bovino contendo de 39 a 200 animais. Encontrou-se também 8 criadores de gado cavalari possuindo entre 16 e 141 cabeças.⁸⁴ Ora, Paula Chaves Teixeira Pinto consultou apenas os documentos por ela encontrados, ou seja, os inventários. Registros como a contabilidade de Geraldo não estava a sua disposição. Isto quer dizer que devia haver bem mais animais no distrito no período em questão, como o gado cujos proprietários faleceram posteriormente. Podemos perceber que neste período o distrito possuía muitos animais. Ao que parece Geraldo pensou que poderia se tornar um grande negociante vendendo para os fazendeiros do distrito justamente pelo fato de lidarem com estes animais na lida doméstica ou na comercialização.

Entre as muitas funções das estações de internada, como já dissemos, estava a de regular o fluxo de animais em tempos de grande demanda.⁸⁵ Uma hipótese sobre o insucesso do negócio que estamos estudando poderia ser então a venda das reses em uma época em que havia grande número de animais no mercado. Entretanto esta hipótese não parece plausível por si só. Geraldo era proprietário de uma fazenda e poderia esperar a época oportuna para a venda dos animais com poucos gastos: basicamente o sal para a alimentação e alguns poucos escravos.⁸⁶ O Tenente primeiro vendeu 40 animais no dia 15 de janeiro de 1870. Se julgasse que esta primeira remessa de animais teria sido vendida por um baixo preço ele com certeza seguraria os demais em suas terras até esperar que o mercado estivesse favorável. Entretanto ele diz ter findado as vendas dos animais comprados em 1869 no dia 26 de abril de 1870. Embora o distrito concentrasse uma quantidade significativa de animais e os fazendeiros do lugar até os criava, como afirma Paula Chaves Teixeira Pinto,⁸⁷ outros fatores devem ter influenciado no resultado.

"Na história Econômica diversas forças tem que ser levadas em consideração: fatores geográficos, técnicos, condições demográficas, leis econômicas, desenvolvimento e formação de preços, enfim, a estrutura e a conjuntura.

⁸³ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014. p. 249.

⁸⁴ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014. p. 251.

⁸⁵ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 14.

⁸⁶ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 38.

⁸⁷ TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *Op. Cit.* 2014. p. 249.

Todas essas forças influem ou não no sucesso do indivíduo e nas suas tomadas de posição."⁸⁸

O mesmo documento traz um dado relevante para a nossa pesquisa, anotado com uma tinta um pouco mais fraca, ao pé da página. O jovem fazendeiro registra que em 17 de janeiro de 1872, apenas 3 anos após a compra das reses em Uberaba, entregou ele a "Felisberto Ribeiro da Silva para a compra de gado gordo 1:060\$000 sendo para partirmos os lucros de cujo trato só tem este assento (sic)". Ora, se tomarmos como base o preço médio por cabeça comprada em Uberaba por José Libânio em 1869 esse valor entregue a Felisberto poderia comprar aproximadamente 45 animais. Obviamente não se trata de uma boiada significativa para ser um grande investimento para negociação como fora aquela comprada em Uberaba. Como já dito acima Geraldo registra que do gado lá comprado no dia 15 de janeiro de 1870 vendeu a um único comprador 40 vacas, cada uma pelo preço de 39\$000, chegando a cifra total de 1:560\$000. A quantia repassada a Felisberto era menor que a entregue a José Libânio pois deve ter tido prudência desta vez. Podia ter até um prejuízo, se as compras fossem mal feitas. Entretanto Felisberto não concluiu o negócio. O documento diz que "não (ilegível) gados. Entregou-me esta quantia acima dita no dia 30 deste" (janeiro de 1872, 13 dias após a entrega do dinheiro).⁸⁹

Embora Geraldo não tenha registrado o motivo pelo qual Felisberto não chegou a efetuar o negócio e nem o lugar onde seria feita a compra parece que o Tenente Coronel instruiu o novo sócio a não adquirir o gado a um preço alto. Mesmo após o primeiro insucesso Geraldo não desistiu de tentar se tornar um negociante de gado. O que parece ter havido em 1869/1870, portanto, foi uma conjuntura de fatores. José Libânio poderia não ter sido um sócio sagaz na compra e na condução dos animais? Talvez. Isto parece ter relação com o que diz Petrone sobre o comércio de reses. Após observar o fato de Prado, homem que negociava por cartas, ter mantido alguns correspondentes junto as invernadas para organizar seu negócio, a historiadora diz que o complexo negócio de reses "exigia uma organização na qual a ação eficaz dos correspondentes determinava, em última análise, o sucesso dos negócios".⁹⁰

Mas José Libânio não deve ser responsabilizado pela não rentabilidade do negócio. Na contabilidade de Geraldo aparece mais uma vez o nome de José. Há o registro de um pagamento do Tenente a este personagem realizado no dia 20 de setembro de 1870 no valor de 500\$000. O motivo? "9 bois comprados no sertão para carro por José Libânio".⁹¹ Provavelmente este sertão a que se refere o fazendeiro seria Uberaba. Esta nova compra de Geraldo ocorreu menos de 5 meses após a venda das vacas compradas ali. Se desconfiasse da lisura ou da competência de José certamente Geraldo não teria lhe pedido novamente que comprasse mais animais. Infelizmente ainda não tivemos mais nenhuma informação sobre quem seria esse José Libânio. Tendo em vista o fato deste ter comprado para Geraldo uma pequena quantidade de bois

⁸⁸ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 2.

⁸⁹ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_1045.

⁹⁰ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 60.

⁹¹ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_0847.

que muito provavelmente serviriam para o uso na Fazenda do Catimbau cremos que este homem deveria ser algum negociador sem muitos recursos, tendo em vista o fato de que na compra de 1869 Geraldo fora quem conseguira o crédito para o pagamento dos animais em Uberaba.

A distância de Uberaba até o distrito pode ser um fator que impossibilitava uma boa margem de lucro devido ao alto gasto necessário para esta viagem. O distrito da Lage, como já observado, possuía considerável número de animais que até eram criados nas fazendas locais. Já havia um mercado considerável no seio do distrito que não precisava despender altos custos para locomoção. Petrone demonstra alguns exemplos de como as despesas influenciavam na rentabilidade de alguns negócios.⁹²

No mesmo documento registra Geraldo a compra de 1 vaca no dia 14 de outubro de 1971 pelo preço de 26\$000. Ainda diz que "neste mesmo tempo" comprou 2 bois por 66\$000, embora não tenha especificado de quem eram e de onde foram estes animais, e comprou também 2 novilhos por 56\$000. Após o registro da compra dos bois escreveu a palavra "Lucro" e após as duas outras compras a letra "L", que parece se referir a outros lucros,⁹³ sendo estes provenientes de negociações menores, feitas provavelmente no próprio distrito da Lage, onde vivia Geraldo.

Neste momento da pesquisa ainda não se pode concluir com certeza o motivo pelo qual não valeu a pena o "negócio do sertão" em 1869. É preciso comparar os preços das compras e vendas dos animais efetuados por José Libânio e Geraldo com outros que o tenham feito a época. Entretanto parece, até o momento, que o insucesso deveu-se a uma quantidade razoavelmente alta de animais no distrito da Lage naquele momento, onde eram criados. Mesmo para aqueles que os criavam ali esse negócio pode não ter alcançado lucros astronômicos. Portanto os gastos da viagem de Uberaba até o destino final teriam consumido a rentabilidade do negócio, não justificando o esforço de ir até o "sertão" para comprar e conduzir o gado.

Bibliografia

Fontes primárias

Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende.

CHAVES, José Maria da Conceição. *Memórias do antigo Arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage, atual cidade de Resende Costa: desde os proêmios de sua existência até os dias presentes*. Resende Costa: AMIRCO, 2014.

MATOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerais e Goiás*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2004

⁹² PETRONE, Maria Thereza Schorer. *Op. Cit.* 1976. p. 80.

⁹³ Arquivo Pessoal de Geraldo Pinto de Rezende, fl. IMG_1045.

RESENDE, Antônio de Lara. *Memórias - Do Belo Vale ao Caraça*. Sem local: Edição do autor, 1970.

REZENDE, José Augusto de. *Livro de Pálidas reminiscências da antiga Lage - hoje - Villa de Rezende Costa*. Resende Costa: AMIRCO, 2010

Fontes secundárias

ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do estado imperial brasileiro: Minas Gerais - Campanha da Princesa (1799-1850)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014

CARRARA, Angelo Alves. *Minas e Currais: Produção Rural e Mercado Interno de Minas Gerais – 1674 – 1807*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2007

CASTRO, Hebe Maria Mattos de; SCHNOOR, Eduardo (orgs.). *Resgate: Uma Janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1971.

GRAÇA FILHO, Afonso Alencastro. *A Princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*. São Paulo: Editora Annablume, 2003.

LENHARO, Alcir. *Tropas da moderação - O abastecimento da Corte na formação política do Brasil - 1808/1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.

MARTINS, Roberto B. *A Economia Escravista de Minas Gerais no Século XIX*. CEDEPLAR, Belo Horizonte: 1982. (mimeo.)

PELUZZI, Maristela de Oliveira. *Os Grandes Proprietários Escravistas do Distrito da Lage (1830-1850)*. São João Del Rei: UFSJ, 2003. (Monografia de pós-graduação *Latu Sensu*).

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O Barão de Iguape*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981

REVEL, Jacques (org.). *“Jogos de escalas”*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RIBEIRO, Isaac Casemiro. *Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes: os "Ribeiro da Silva", fronteira, fortuna e fazendas (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX)*. Dissertação de mestrado. São João Del-Rei: UFSJ, 2014.

SALDANHA, Flávio Henrique Dias. *Os oficiais do povo. A Guarda Nacional em Minas Gerais Oitocentista, 1831-1850*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006. p. 79.

SIMONSEN, Roberto Cochrane. *História Econômica do Brasil: 1500/1820*. 8 ed. São Paulo: Nacional, 1978.

SLENES, Robert W. *Os múltiplos de porcos e diamantes: A economia escravista de Minas Gerais no Século XIX*. Cadernos IFCH - UNICAMP, Campinas, n. 17, 1985.

SOUZA, Júlio César de. *Uberaba: relações escravas na cidade primaz*. Rev. Triang.: Ens. Pesq. Ext. Uberaba – MG, v.2. n.2, p. 125-137, jul./ dez. 2009. p. 128 - 129.

SUPRINYAK, Carlos Eduardo. *Tropas em marcha. O mercado de animais de carga no centro-sul do Brasil imperial*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008

TEIXEIRA, Maria Lúcia Resende Chaves. *Família escrava e riqueza na Comarca do Rio das Mortes: o Distrito da Lage e o Quarteirão do Mosquito*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 25.

TEIXEIRA PINTO, Paula Chaves. *De Minas para a Corte. Da Corte para Minas: Movimentações familiares e trocas mercantis (c. 1790 - c. 1880)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF, 2014. p. 273-280.